

SAUDAÇÃO Á CULTURA PORTUGUESA

Decorreu já ano e meio desde o dia em que eu tive a honra de, na qualidade de Presidente da Real Academia de Itália, dirigir a Portugal, representado pela sua Academia das Ciências, uma mensagem que pretendia exprimir também a participação fraterna do povo italiano na celebração dos Centenários da Independência e da Restauração.

Hoje, nestas páginas valorizadas por tantos nomes ilustres da cultura portuguesa, desejo dirigir-me directamente aos componentes dessa cultura, na minha condição de Presidente do nosso Instituto em Portugal.

Considero escusado fazer de novo uma síntese histórica das relações cultu-

rais entre as duas nações irmãs. Aproveito apenas a ocasião para recordar que essas relações não se limitaram só ao aspecto, mais conhecido, das letras e das artes, mas influíram também profundamente (embora de modo menos vistoso) no campo das ciências morais e históricas assim como no das ciências físicas, matemáticas e naturais. No primeiro foram particularmente intensas e constantes em todos os aspectos da cultura jurídica, (como foi brilhantemente estudado nas páginas desta Revista); no segundo campo bastaria citar os nomes do botânico Vandelli, do anatómico Santucci, do físico Dalabella, e de tantos outros que são caros à ciência portuguesa. Mas não se trata aqui de fazer listas de nomes: italianos em Portugal e portugueses na Itália, (desde o tempo em que Amato Lusitano e Teixeira Lobo ensinaram em Ferrara: no século XVI) nem listas de factos demonstrativos. Trata-se em lugar disso de reconhecer, uma vez mais, a comunidade de ideal que alimenta

as nossas duas culturas e as torna irmãs, tornando assim lógica e necessária a aproximação entre elas.

Até ao alvorecer do século passado, essas relações foram singularmente intensas e fecundas. E quero aqui notar um facto altamente significativo. Talvez não fôsse por acaso que as relações entre as duas culturas, embora continuassem, sofressem um enfraquecimento no decorrer do século passado e principalmente no fim do século (século que, como se sabe, vai além dos limites estreitos da cronologia) correspondendo isso a uma certa decadência na vida interna das duas nações. E certamente não é por acaso que essas relações estão retomando o antigo vigor, estão ressurgindo para uma nova vida — mais intensa e fecunda — hoje, numa época que é *nossa*, simultâneamente com o fortalecimento, com o ressurgimento, e com a poderosa renovação dos nossos dois Estados e das duas almas nacionais.

E com este pensamento — que para mim é uma íntima e feliz certeza — quero dirigir a minha saudação fraterna à cultura portuguesa de hoje que, com seriedade de propósitos, com fidelidade a uma altíssima tradição e com um espírito atento e aberto às novas exigências, trabalha, para um futuro que nos verá cada vez mais unidos.

LUIGI FEDERZONI.

AS RELAÇÕES ARTÍSTICAS ENTRE A ITÁLIA E PORTUGAL

Creio, ter chegado o momento de nos ocuparmos antes de problemas circunscritos, mais precisos, para os quais novos documentos, novos estudos comparativos, estão fornecendo os elementos renovadores. As recentes viagens de Cecchi e Fiocco, que recordamos com tanta simpatia, sobretudo a de Lavagnino mais especialmente orientadas no objectivo que hoje estudamos, serão um primeiro passo para um juízo mais preciso e autorizado sobre o fruto e o sentido histórico das relações artísticas entre a Itália e Portugal, nos seus múltiplos aspectos.

*

*

*

Não é na arte medieval portuguesa que devemos procurar as influências da Itália. Portugal foi na Idade Média uma nação essencialmente peninsular e todo o esforço se concentrou precisamente em consolidar a sua personalidade política. A par deste facto histórico essencial foram a Espanha e a França